
A “nostalgização” das narrativas no cinema de Hollywood¹

Maximiano Duval da Silva Cirne²
Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Resumo

O artigo analisa a ocorrência de uma “nostalgização” das narrativas cinematográficas, especialmente em produções hollywoodianas contemporâneas, que têm recorrido intensamente à nostalgia como estratégia estética e mercadológica. A pesquisa parte da constatação de que filmes atuais resgatam elementos do passado para criar vínculos afetivos com o público. O objetivo é investigar os processos de uma nostalgia construída intencionalmente nas imagens audiovisuais por meio de referências culturais. Utilizando metodologia qualitativa e fundamentação teórica em autores como Jameson, Boym e Halbwachs, o trabalho identifica que a nostalgia opera não apenas como repetição, mas como reinterpretação e idealização do passado. Os resultados apontam que tal prática tornou-se um modelo recorrente no cinema, tanto por razões econômicas quanto emocionais, resultando em uma cultura pop cada vez mais pautada pela memória e afetividade coletiva.

Palavras-chave: nostalgia; cinema; nostalgização; Hollywood

Introdução

Estamos cada vez mais nostálgicos? Ou esse sentimento tem sido estimulado pelos novos filmes e novas séries? Independente do que veio primeiro, a sedução pela nostalgia se tornou uma prática recorrente da cultura pop. Podemos dizer que o fenômeno explodiu com *Stranger things* (2016-2025), seriado que presta homenagem ao universo nerd dos anos 1980 a partir de características nostálgicas que vão desde a vinheta de abertura e trilha sonora até as referências a jogos e filmes da época. Há teorias, inclusive, de que a série teria sido encomendada pela Netflix após a análise de dados referentes ao consumo dos usuários³.

A nostalgia referida aqui é diferente do conceito inaugural da palavra, o qual era associado à uma suposta doença em que os soldados, durante a guerra no exterior, ficavam mal por sentir saudade de casa (Botelho, 2022; Boym, 2017). Também não se vincula com a dor melancólica provocada pela passagem do tempo, que seria uma interpretação direcionada ao âmbito psicológico (Natali, 2006; Starobinski, 2016).

¹ Trabalho apresentado no GP Cinema do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom).

² Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Pesquisa sobre comunicação, cinema, nostalgia e cultura pop. E-mail: maxcirne2@gmail.com

³ Ver artigo Brito; Queiroz; Venturelli, 2020.

Distante de tais vieses pessimistas, a nostalgia ganha contornos mais suaves no século 20, sendo utilizada nas últimas décadas como uma prática comunicativa desencadeadora de bem-estar.

Sendo um tempo atravessado por outros tempos, a nostalgia retrabalha o passado. Quando levada para o cinema, promove uma reciclagem de restos culturais, devorando e ressignificando imagens posteriores. Diversos processos da ordem técnica e estética são utilizados enquanto estratégias para operacionalizar características nostálgicas nos filmes produzidos, principalmente, por Hollywood. Tais processos buscam uma “nostalgização” das narrativas, reverberando tanto em um efeito que moldou a indústria cultural dos anos 2000 quanto em um vício social por experiências passadistas.

Além do cinema, a nostalgia também se faz presente na música, com sonoridades que remetem ao passado; na publicidade, a partir de relançamento de produtos e utilização de design característicos de décadas anteriores; na televisão, com canais dedicados à reprises, *reboots* de novelas e programas que abordam histórias envolvendo objetos antigos; e até nas redes sociais, com a hashtag #Throwback Thursday (#tbt), demonstrando o quanto celebramos as nossas lembranças, chegando a estabelecer um dia na semana direcionado a essa atividade.

Apesar da vasta dimensão nostálgica na ação midiática, o artigo tem como objetivo investigar os sentidos nostálgicos estimulados através das imagens cinematográficas, ou seja, analisar os processos que buscam uma “nostalgização” das narrativas audiovisuais. Nas próximas páginas, vamos abordar as produções contemporâneas e seu envolvimento com as questões nostálgicas, bem como a sedução e o acionamento proposital e explícito de inspiração na nostalgia.

A “nostalgização” no cinema

Desde quando a relação entre cinema e nostalgia se faz presente nos estudos acadêmicos? Ao realizar uma vasta pesquisa, nos deparamos com ideias desenvolvidas desde a década de 1990, quando Frederic Jameson afirmou que alguns filmes pós-modernos se caracterizavam pela nostalgia. Esse tipo de cinema “procura gerar imagens e simulacros do passado, para produzir, em uma situação social na qual a historicidade ou as tradições de classe genuínas se enfraqueceram, algo como um

pseudopassado para consumo como compensação e substitutivo" (JAMESON, 1997, p. 140-141). Cita como exemplos, *Loucuras de verão* (George Lucas, 1973), que captura a atmosfera juvenil dos Estados Unidos dos anos 1950; e *Chinatown* (Roman Polanski, 1974), o qual emula os filmes *noir*.

Ainda segundo Jameson (1997), os filmes de nostalgia reconstroem experiências cinematográficas do passado, numa simulação que não é dotada de perspectivas próprias. Seriam constituídos apenas como pastiche e redundância. O ponto de vista do autor é curioso, principalmente, por ser realizado em uma época na qual as manifestações nostálgicas no cinema não estavam em tanta evidência. Embora seja um olhar introdutório para o fenômeno, não é assim que o observamos nesta pesquisa. As produções cinematográficas, mesmo calcadas na sensação de familiaridade e conforto com a recuperação do passado, apresentam particularidades que as diferenciam das demais. Se fossem cópias vazias, não teriam alcançado, nos últimos anos, o sucesso tanto de crítica quanto de público, constituindo-se como parte da contemporaneidade.

Desde o lançamento de *Stranger things*, pode-se perceber uma predileção cada vez mais frequente por obras audiovisuais que se utilizam de processos nostálgicos⁴. Mesmo tendo casos anteriores, o seriado da Netflix foi precursor dentro de uma variedade de produções subsequentes que se utilizam de uma sedução por meio da nostalgia. O fascínio gerado pela forma que *Stranger things* audiovisualizou a nostalgia serviu de estímulo para indústria do entretenimento investir em convites regulares à experiência nostálgica, respingando principalmente no cinema hollywoodiano, que já adotava essas características e ganhou fôlego a partir da disseminação deste tipo de produto.

A sedução pela nostalgia nasce por meio de sentidos estimulados pelas imagens, um acionamento proposital e explícito de inspiração na nostalgia, seja através de referências a outros produtos culturais, por meio da reconstrução de uma época, fazendo uso de trilha sonora e efeitos visuais, mediante um roteiro que aborda questões que envolvam a memória ou através da aposta em refilmagens, continuações e

⁴ Essa constatação é abordada no artigo *Netflix como a plataforma da nostalgia "invertida": pistas a partir de Stranger things* (CIRNE, FISCHER, 2024), publicado na Revista Interin. No texto, identificamos cerca de 40 obras audiovisuais da Netflix, lançadas entre 2016 e 2021, que apresentam afinidade com a temática proposta.

reimaginações de títulos anteriores⁵. Todos esses processos buscam uma “nostalgização” das narrativas, expressão utilizada a partir de Niemeyer (2018), a qual entendemos como uma das formas que as mídias encontraram para se relacionar com espectador.

Uma das maneiras de perceber o quanto esse fenômeno se instalou na indústria cinematográfica é observar o ranking das maiores bilheterias dos últimos anos, geralmente marcado por longas-metragens que possuem algum diálogo com a nostalgia. Vejamos, por exemplo, a listagem de 2023 publicada pela CNN Brasil⁶. Dos 15 longas-metragens recordistas em vendas de ingresso a nível mundial, 13 podem se relacionar com características nostálgicas. São eles: *Barbie* (Greta Gerwig, 2023), *Super Mario Bros* (Aaron Horvath, Michael Jelenic, 2023), *Guardiões da galáxia 3* (James Gunn, 2023), *Velozes e furiosos 10* (Louis Leterrier, 2023), *Homem-Aranha: Através do Aranhaverso* (Joaquim dos Santos, Justin K. Thompson, 2023), *A pequena sereia* (Rob Marshall, 2023), *Missão: Impossível - Acerto de contas - Parte 1* (Christopher McQuarrie, 2023), *Homem Formiga e a Vespa: Quantumania* (Peyton Reed, 2023), *John Wick 4* (Chad Stahelski, 2023), *Transformers: O despertar das feras* (Steven Caple Jr., 2023), *Megatubarão 2* (Ben Wheatley, 2023), *Wonka* (Paul King, 2023) e *Indiana Jones e a relíquia do destino* (James Mangold, 2023). Apenas duas produções deste top 15, *Oppenheimer* (Christopher Nolan, 2023) e *Elementos* (Peter Sohan, 2023), são projetos originais, ou seja, sem ser uma refilmagem ou fazer parte de uma franquia.

Analisar uma lista como essa demonstra a prioridade dos estúdios de cinema - e também do público. No que compete aos investidores, os custos para produzir um *blockbuster* tem se tornado cada vez mais alto. De acordo com reportagem do jornal O Globo⁷, o campeão de bilheterias *Barbie* teve um custo de produção de US\$ 145 milhões e uma campanha de marketing que ultrapassou US\$ 150 milhões. A matemática compensou neste caso, pois, os custos beirando US\$ 300 milhões repercutiram em uma arrecadação de US\$ 1,4 bilhão. Por outro lado, o 15º da lista, *Indiana Jones e a relíquia*

⁵ Tais características são desenvolvidas em detalhes na minha tese de doutorado, disponível aqui: <https://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/13559>.

⁶ Link disponível aqui: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/veja-as-maiores-bilheterias-de-2023>. Acesso em: 30 set 2024.

⁷ Link disponível aqui: <https://oglobo.globo.com/economia/negocios/noticia/2023/07/26/um-olhar-sobre-a-campanha-de-marketing-genial-de-us-150-milhoes-da-barbie.ghtml>. Acesso em: 2 jun 2025.

do destino, ofereceu um prejuízo de US\$ 134 milhões para a Disney⁸. Se anteriormente um filme que não apresentou uma bilheteria satisfatória nos cinemas ainda tinha chances de reverter esse cenário com as vendas de DVDs para locadoras e de seus direitos de exibição em canais de tv aberta e fechada, atualmente essa recuperação do investimento não acontece com a disponibilização do mesmo no *streaming*. Portanto, os estúdios preferem não arriscar com novidades e apostam basicamente em histórias e personagens que são conhecidos do público, o que traz para equação a nostalgia como um elemento capaz de evitar possíveis danos financeiros.

Também observamos as notícias⁹ divulgadas em novembro de 2024 as quais relatam que, pela primeira vez na história do cinema, o ranking das dez maiores bilheterias mundiais do ano foi composto, exclusivamente, por sequências de filmes de Hollywood. Nesse contexto, sobressai uma nostalgia capacitada para pautar a cultura por mais décadas, criando estratégias que provocam a produção de um devir nostálgico. Os meios de comunicação, entre eles o cinema, tornaram-se máquinas do tempo a favor da nostalgia, visto que os filmes carregam memórias e diferentes imaginários sociais.

Da parte dos espectadores, os construtos produzidos por esses títulos acionam uma espécie de nostalgia “confortável”, que colabora para proporcionar um estado de bem-estar, visto que o processo de resgatar imaginários ou elementos gravados na memória coletiva almeja não apenas o reconhecimento do público, mas sobretudo despertar e/ou reafirmar antigos vínculos afetivos com o que está sendo narrado nos filmes e nas séries. Starobinski (2016) comenta essa relação a partir da música, que, mesmo sendo um fragmento do passado, toca nossos sentidos e arrasta consigo inúmeras imagens associadas:

Escutamos com prazer a música a que estamos acostumados desde nossa juventude, talvez porque nos lembre os dias de nossa inocência e de nossa felicidade. Às vezes ficamos singularmente afetados com certas melodias que não nos parecem, nem a nós nem aos outros, ter expressão particular. A razão é que ouvimos essas músicas num tempo em que nossa alma estava profundamente afetada por alguma paixão para deixar sua marca em tudo o que se apresentava a ela naquele momento; e embora essa paixão tenha se desfeito por inteiro, assim

⁸ Link disponível aqui: <https://www.omelete.com.br/filmes/indiana-jones-5-prejuizo-disney>. Acesso em: 2 mai 2025.

⁹ Matérias foram publicadas em diversos veículos de comunicação, entre eles Omelete (<https://www.omelete.com.br/bilheteria-usa/bilheteria-primeira-vez-top-1-sequencias>) e World of Reel (<https://www.worldofreel.com/blog/2024/11/22/the-10-highest-grossing-movies-of-2024-are-all-sequels-first-time-in-recorded-history>). Acesso em: 29 mai 25.

como a lembrança de sua causa, a presença de um som que se encontra, porém, associado a ela costuma então despertar o sentimento. (STAROBINSKI, 2016, p. 286)

Nota-se a partir desse trecho o quanto podemos transferir nossas emoções para as obras culturais. Nesse sentido, as imagens cinematográficas adquirem um poder de excitar vibrações agradáveis e divertidas, o que as leva a ser uma fonte de prazer da vida humana. O despertar de uma sensibilidade nos espectadores ocorre porque, durante a experiência, avaliamos nossas imagens e nossas vidas em comparação ao que observamos na tela, inclusive como uma possibilidade de reelaboração de nós mesmos. Essa relação com as obras culturais é feita através do que nos toca, nos afeta, nos atravessa. Assim, as narrativas audiovisuais refletem, em diferentes dimensões e gradientes, as nossas histórias e as nossas conversas. De certa forma, traduzem imageticamente a representação do cotidiano, inclusive as memórias pessoais, na busca que o corpo do espectador interaja por meio dos afetos ao lidar com as imagens do cinema. O mais impressionante é que nos acostumamos com a representação virtual de outros tempos, lembrando épocas como a nossa infância e a adolescência ou até mesmo a relação com produtos culturais.

Reconhecer por imagens, ao contrário, é ligar a imagem, vista ou evocada de um objeto a outras imagens que formam com elas um conjunto e uma espécie de quadro, é reencontrar ligações desse objeto com outros que podem ser também pensamentos ou sentimentos (HALBWACHS, 2004, p. 55)

A nostalgia se apresenta, por vezes, como um passado idealizado, romântico e até reflexivo. O historiador Rui Bebiano (2006, p. 7) diz que a operação nostálgica desenvolve um processo de higienização do acontecido, limpando-o das irregularidades, fazendo parecer completo e coerente, transformando-o em um objeto de atração. Essa ideia tem relação com o que a Psicologia chama de *fading affect bias* (FAB) - em português seria algo como “viés de enfraquecimento da emoção” - e atua no favorecimento de memórias positivas em detrimento das negativas. Nas palavras de Walker; Skowronski (2009, p. 1), o FAB “mostra que as emoções associadas a memórias de eventos negativos geralmente desaparecem mais rapidamente do que as emoções associadas a memórias de eventos positivos”. Logo, o processo de reconstruir o passado na nossa memória se torna um passado idealizado.

As narrativas audiovisuais, ao promover o “retorno” de outros tempos, acabam por favorecer uma romantização das memórias. Segundo Matthew Leggatt (2020), ocorre uma estetização do período para o qual o espectador é transportado, tendo aspectos que possam arranhar a imagem cuidadosamente construída deixados de lado. Sobre esse embelezamento, Parente (2007) comenta que o tempo é puro processo e, enquanto tal, não pára de desdobrar-se, passando por passados não necessariamente verdadeiros. Em outras palavras, nem sempre as memórias de outros períodos partem necessariamente de experiências vividas, podendo se dar também por meio de experiências já midiaticizadas. Como aponta Bebiani (2006, p. 6), pela nostalgia se é capaz de navegar até um passado que jamais foi vivido, mas que é imaginado ou arquitetado a partir de modelos pré-estabelecidos, por meio de uma memória coletiva sobre tal acontecido. Ou seja, até mesmo quem não viveu o passado retratado nos filmes consegue se relacionar com o período e ser seduzido pelo poder de um passado idealizado. Destacamos que tais imaginários são muito potentes quando audiovisualizados sob as lentes da nostalgia.

Nesta perspectiva, Tavares; Prado (2017) propõem uma dupla abordagem para a relação da memória e a percepção do indivíduo. A primeira seria da ordem do vivido, em que se cruza a experiência pessoal com a memória coletiva; e a segunda abordagem se vale da ordem do não vivido, ou seja, quando a experiência coletiva alimenta a idealização no âmbito individual. Temos a diferenciação entre quem teve a experiência e o conhecimento daquilo retratado pela mídia, identificando-se com a narrativa num movimento de rememoração, e quem não viveu essas memórias, porém, movido pelo apelo e inspiração das imagens, de alguma forma se relaciona e é seduzido por esse passado.

Sobre a primeira situação, é preciso ficar atento quando o encanto da nostalgia altera as lembranças, dado que a memória é um exercício de seleção e construção, influenciada por afetos e pelo nosso lugar no presente (TAVARES; PRADO, 2017). Sendo assim, o jogo da nostalgia proposto pela mídia pode induzir na fabricação de novas memórias ou na transformação das mesmas, o que torna a nostalgia em um construto de passado. Para Leal; Borges; Lages (2018, p. 62), “estamos o tempo todo ressignificando nossas relações com o passado, e, nesse contínuo processo, as memórias podem adquirir um significado nostálgico que até então não possuíam”.

Sendo um tempo atravessado por outros tempos, a nostalgia retrabalha as nossas imagens, afetos e imaginários culturais. Pode até mesmo anunciar uma falta de criatividade da indústria que, ao invés de vislumbrar as transformações do futuro, busca convocar referências culturais e imagéticas do passado. Esse movimento talvez seja reflexo da crise enfrentada no século 21, com a polarização política e o esgotamento dos recursos naturais, razões que fazem do futuro algo temível, tornando mais confortável e seguro experienciar as memórias. Ainda assim, conforme Sedikides *et al.* (2008), as narrativas nostálgicas refletem mais efeitos positivos que negativos. Essa constante inundação de memórias, na visão de Ulrich Gumbrecht (2015), gera uma imensa dificuldade em deixar o passado “para trás”. Logo, é um passado que dura no presente a partir dos processos utilizados pela mídia ao articular com as questões nostálgicas.

Considerações finais

A forma pela qual as histórias são construídas nas imagens audiovisuais, criando um ambiente propício para despertar nostalgia, foi o que nos motivou a investigar a construção da “nostalgização” no cinema. Na contemporaneidade, observa-se vários produtos culturais sendo chamados de nostálgicos, seja filme, seriado ou música. Mas, por que é nostálgico? Como algo da ordem material se torna nostálgico? Como essa nostalgia é construída? Tal condição vem da imagem, do espectador ou do mercado? Trata-se de compreender que são utilizados procedimentos técnicos e estéticos de maneira proposital, ou seja, inseridos de forma intencional nas produções, visando atingir uma lógica de consumo que visa cada vez mais evocar a nostalgia e os afetos envolvidos.

A multiplicidade de referências investidas nas imagens acabam por torná-las imagens de memória, buscando uma reciprocidade com o espectador. Quando se enxerga além da materialidade e faz-se o acionamento de memórias, a imagem revela ser dotada de uma bricolagem de tempos, imagens, sons e arquivos atualizados. Muitas vezes, não é o passado propriamente dito que comparece novamente, a partir da reprodução dos originais, mas suas atualizações - mesmo que por meio de novas imagens cujos rastros remetem aos arquivos. Essa transformação social proporcionada pela nostalgia repercute nas práticas do próprio cinema, que passa não somente a utilizar de arquivos do passado, mas também produzir novos arquivos a partir de uma

coalescência de tempos. Não é um remix, mas uma outra composição, uma imagem reelaborada. Do passado, produz-se algo novo, que incentiva a crítica na reelaboração do próprio presente. As memórias ainda se atualizam a partir de um desejo de preservação das imagens, que retornam através do acúmulo da experiência ecoando um passado midiático compartilhado.

Portanto, qual o motivo de estarmos frequentemente olhando para esse passado? Será porque que nele entendemos o valor daquilo que era bom, numa manutenção de afetos saudosistas, ou será porque perdemos o controle das nossas próprias memórias na cultura, já que elas não cabem mais em nós e estão embaralhadas na proliferação de arquivos? Acreditamos que seja uma combinação desses dois movimentos, pois ambos se valem do fetiche pelo passado. Estamos viciados em nostalgia, sendo alimentados e estimulados para vivenciar experiências nostálgicas. Tornou-se um efeito da pós-modernidade, gerando fascinação e encantamento em diferentes idades e gerações. O cinema e outras mídias aproveitam desse efeito pós-moderno para oferecer experiências calcadas em imagens que carregam a potência de tempos anteriores associados a memórias que julgam ser felizes ou, no mínimo, aprazíveis.

Tudo isso integra uma cultura nostálgica, uma cultura feita de memórias, alimentada por uma constante relação com o passado. Desta forma, a nostalgia se tornou um potente propulsor da cultura pop, manifestada através de inscrições na tela que chamamos de “nostalgização”. Percebemos, assim, como as produções nostálgicas se tornaram um atrativo no balcão de mercadorias, seja das salas de cinemas, seja das plataformas de *streaming*. A partir de inspiração mimética, elementos do passado se tornam intencionalmente objetos de fetiche nas imagens dessas narrativas.

Referências

- BEBIANO, Rui. **Nostalgia e imaginação: dois fatores dinâmicos num mundo global**. XX Encontro de Filosofia: A Filosofia na Era da Globalização, 2006.
- BOTELHO, Ronan Wielewski. **Nostalgia: Pensando sobre**. Vol. 21. Kindle: 2022.
- BOYM, Svetlana. **Mal-estar na nostalgia**. História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 10, n. 23, 2017.
- BRITO, Fabiola; QUEIROZ, Bernardo; VENTURELLI, Suzete. **Stranger Things: O uso de dados na construção de uma realidade particular**. VII Simpósio Internacional de Inovação em Mídias Interativas, 2020.

CIRNE, Maximiano Duval da Silva; FISCHER, Gustavo Daudt. **Netflix como a plataforma da nostalgia “invertida”**: pistas a partir de Stranger things. Revista INTERIN - Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens, v. 29, n. 1, jan/jun, 2024. Disponível em: <<https://seer.utp.br/index.php/i/article/view/2968>>.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Nosso amplo presente**. O tempo e a cultura contemporânea. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

JAMESON, Frederic. **Pós-modernismo, a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1997.

LEAL, Bruno Soares.; BORGES, Felipe.; LAGES, Igor. Experiências de nostalgia: de Stranger things a Vozes de Tchernóbil, diferentes construções nostalgizantes. In: SANTA CRUZ, L.; FERRAZ, T. (Orgs). **Nostalgias e mídia: No caleidoscópio do tempo**. RJ: E-Papers, 2018.

LEGGATT, Matthew. **Was it yesterday?** Nostalgia in contemporary film and television. USA: Suny Press, 2021.

NATALI, Marcos Piason. **A política da nostalgia: Um estudo das formas do passado**. São Paulo: Nankin, 2006.

NIEMEYER, Katharina. O poder da nostalgia. In: SANTA CRUZ, L.; FERRAZ, T. (Orgs). **Nostalgias e mídia: No caleidoscópio do tempo**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2018.

PARENTE, André. Cinema em trânsito: Do dispositivo do cinema ao cinema do dispositivo. In: PENAFRIA, Manoela; MARTINS, Índia Mara. **Estéticas do digital**. Lisboa: LabCom, 2007.

SEDIKIDES, Constantine *et al.* **Nostalgia: Past, present, and future**. Current Directions in Psychological Science v. 17, nº 5, 2008.

STAROBINSKI, Jean. **A tinta de melancolia: Uma história cultural da tristeza**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão; PRADO, Denise Figueiredo Barros do. **Uma viagem no tempo: nostalgia e memória numa edição da Trip**. Vozes & Diálogo, Itajaí, v. 16, n. 01, jan./jun. 2017.

VOGEL, Joseph. **Stranger Things and the 80's: The complete retro guide**. USA: Cardinal Books, 2018.

WALKER, W. Richard; SKOWRONSKI, John J.. **The fading affect bias: But what the hell is it for?**. In: Applied Cognitive Psychology. v. 23, nov. 2009.